

## O espaço do sótão como um lugar de alteridade: uma reflexão sobre a articulação dos elementos góticos nos tempos pós-modernos

Olga Kempinska<sup>1\*</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF) - Brasil

\*Autor de correspondência: [olgagueke@gmail.com](mailto:olgagueke@gmail.com)

### RESUMO

No presente artigo, busco compreender a abrangência do espaço imaginário do sótão em sua relação com as questões da alteridade em seus aspectos culturais. Refiro-me às obras de Sandra Gilbert, Susan Gubar, Edward Said, assim como aos autores da desconstrução. Associado à exclusão, mas também a um reverso da vida mundana, o sótão permite uma elaboração dos elementos da aparência e da história do sujeito, entrando em contato com a teoria lacaniana do estágio do espelho. Crítico dos valores ocidentais, o sótão gótico se mostra próximo da imobilidade, da ineficiência e do segredo. Por outro lado, esse espaço se reveste de características de uma estase, um dinamismo interior e uma vida própria. Ressaltando a importância do segredo e dos limites na vida humana, assim como o caráter especificamente ficcional da verdade gótica, o espaço do sótão confirma sua relação com a experiência da alteridade. Mais recentemente, o espaço do sótão aponta para o poder assimilativo da indústria cultural.

### PALAVRAS-CHAVE:

Convenção gótica  
Pós-modernismo  
Alteridade  
Limites  
Segredo

**SUBMETIDO:** 20 de novembro de 2024 | **ACEITO:** 20 de fevereiro de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de junho de 2025  
© fólio - Revista de Letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

*Deirdre had found her mother's shorts stories in a trunk in the attic (...)*<sup>1</sup>.

Anne Rice

*Portanto, quando Wiley Wright foi visitar sua tia-avó Cecile em New Orleans, seu encanto com a bela Helene virou um pedido em casamento - sob a pressão de ambas as mulheres.*

Toni Morrison

A apropriação do sótão pelo discurso feminista marcou uma mudança significativa na reflexão teórica acerca do gênero, fortemente influenciada pelos

<sup>1</sup> Deirdre encontrou os contos de sua mãe em um baú no sótão (...). (Trad. do editor.)

estudos do orientalismo voltados para a questão do outro, assim como pelo surgimento dos estudos pós-coloniais no fim dos anos 70. O espaço do sótão (*attic*) se apresenta, com efeito, como uma inversão das características subjetivas, o outro lado do “eu”, que pode ser também o lugar da experiência do outro, em seus aspectos produtivos e não como alguma persona devastadora do “eu”. Não sem relação com a teoria lacaniana do estágio do espelho, segundo a qual o “eu” prematuro se precipita no outro, experimentando uma dificuldade de se diferenciar da imagem, o espaço do sótão parece funcionar como um reflexo em negativo da realidade.

O sótão pode, assim, revelar outros aspectos da experiência, e também um contato com uma esfera espiritual geminiana, colocando destarte em questão vários aspectos da vida mundana, como no poema de Eleanor Ross Taylor “On Being Wordly”, que sublinha a confecção das aparências, de tudo aquilo que se descreve por meio da palavra francesa *faux*:

I'll buy that “collage blouse”  
as advertised “prismatic with  
faux coins and stones”  
and zigzags of lamé  
to run my Visa out of sight.  
No, no. Excess is vulgar... Such makings in my attic.

Yes, him, with wheelchair and accordion  
and sheepish dog, faux leg,  
I passed on my way home.  
And her, a can of corn and one real  
onion, in faux mink.  
The checkers priced us, and I thought  
mine rang my diamond up....  
Rejected finery's the story of my attic.  
(...) (Taylor, 1999, p. 20)<sup>2</sup>

Em alguns lugares do texto, o artificial marcado pelo estrangeirismo, disputa sua importância e sua produtividade, em detrimento da realidade “real” que impõe suas exigências éticas e sociais. De fato, Lacan compreendia o estágio do espelho como uma crise considerável, mas que permite ao sujeito encontrar *sua* realidade. De fato, a convenção gótica busca afirmar o regime ficcional, assim como a verdade acessível apenas por meio da ficção.

---

<sup>2</sup> Vou comprar a “blusa colagem” / como na propaganda “prismática com / faux chapinhas e pedras” / e ziguezagues de lamé / para esconder meu Visa. / Não, não. O excesso é vulgar... Tais preparativos em meu sótão. // Sim, ele, de cadeira de rodas e um acordeão / e um cachorro encabulado, uma faux perna, / que vi em meu caminho para a casa. / E ela, com uma lata de milho e uma cebola / de verdade em uma faux marta. / Os verificadores nos avaliaram, e pensei / meu estatuto meu diamante... / A fineza rejeitada é a história de meu sótão. (Trad. minha.)

O poema “Sketch in Charcoal” de William Bedford Clark acentua o afastamento do sótão em relação à vida mundana, ou seja, sua afinidade com os aspectos da subjetividade que funcionam como um segredo que deve permanecer segredo, longe das estórias das narrativas policiais. Surge também a questão dos limites dos paradigmas ocidentais, que valorizam a ação, ou seja, uma realidade na qual “a vida é ação, vontade, exploração e conquista” (Lyotard, 2000, p.24). Há no poema a evocação dos dispositivos obsoletos, assim como a tematização dos limites (bueiro, persiana, janela, escada), que remetem à representação do vampiro, não raramente compreendida como uma tensão entre duas culturas, a cristã e uma outra não cristã, ou uma tensão entre os mundos diferentes e a diferença radical que é a morte (Janion, 2023). O reverso da visão ocidental remete destarte a uma imobilidade, e também à falta de atualidade, do espaço do *attic*, sua distância em relação à realidade ativa. É reveladora, nesse sentido, a relação do espaço do sótão tanto com os estados intermediários característicos dos ritos de passagem quanto com as situações de impureza:

The day is grey with cold  
that creeps into the culvert cracks  
and shames the sun into hiding  
Beyond fields where fenceposts cast no shadows.

Behind the dingy shuttered pane  
the attic dust is frozen  
like time to a tainted daguerreotype  
or lovers’ songs to cylinders of brittle wax  
Beside the needleless victrola.

Below  
the old man has grown too deaf to know  
whose ghost whispers on the stairs.  
(Bedford Clark, 2010, p.2)<sup>3</sup>

No poema de Dan Albergotti “The Chiming of the Hour”, o espaço do sótão faz reviver no sonho um morto, sua ausência ressoando depois nos sons que assinalam a passagem do tempo. A relação dissonante do vampirismo com a cultura cristã confirma, contudo, a insistência que esta cultura atribui à vida

---

3 O dia está cinza com o frio / que desliza para as fendas do bueiro / e intimida o sol a se esconder / Atrás dos campos onde as cercas não lançam sombras. // Atrás a persiana suja de vidraças / congelou a poeira do sótão / como o tempo no daguerreotipo tingido / ou as canções de amantes nos cilindros de cera frágil / Atrás da vitrola sem agulha. // Abaixo / o homem velho ficou surdo demais para saber / de quem é o fantasma que sussurra na escada. (Trad. minha.)

após a morte, o que permite compreender o caráter ocidentalista da representação vampiresca em geral:

The low tone of heavy December wind  
moving through the attic's slatted vents  
awakens the woman lying on her side.  
She sees how the muted morning light  
drifts through window blinds and how her husband,  
who was alive in her dream, is again in the earth.  
This is the grey day that the Lord hath made.  
She hears the soft, rapid ticking of the clock  
beside her bed and how and how it mingles with  
the bells outside. (...)  
(Albergotti in Gardner e Wright, 2007, p.1)<sup>4</sup>

A metáfora da paternidade como o paradigma masculino tradicional da criação literária parece contestável do ponto de vista das autoras do livro *The Madwoman in the Attic* (2000), que a situam no contexto histórico da Era Vitoriana, diminuindo destarte sua abrangência transcultural. As autoras citam as pesquisas de Edward Said acerca da configuração do orientalismo e suas observações sobre a noção de autoridade no Ocidente, que envolve os gestos de iniciar, de expandir e também a propriedade. De fato, a propriedade patriarcal atinge nesse contexto o texto, como também os personagens e os limites da interpretação. Assim, surgem também as personagens femininas relegadas ao espaço do sótão, longe das trocas simbólicas significativas, descrito como o outro lado do espelho, ou seja, como uma realidade em negativo:

That male authors berate her for this refusal even while they themselves generate female characters who (as we shall see) perversely display "monstrous" autonomy is one of the ironies of literary art. From a female perspective, however, such "inconstancy" can only be encouraging, for - implying duplicity - it suggests that women themselves have the power to create themselves as characters, even perhaps the power to reach toward the woman trapped on the other side of the mirror/text and help her to climb out. (Gilbert e Gubar, 2000, p.16)<sup>5</sup>

---

4 O som baixo do vento pesado de dezembro / passando pelas lâminas dos estores do sótão / acorda a mulher deitada de um lado da cama. / Vê como a luz suave da manhã / se filtra pelos batentes e como seu marido, / que estava vivo em seu sonho, está de novo na terra. / Este é o dia cinza que o Senhor fizera. / Ouve o tic-tac leve e rápido do relógio / atrás da cama e como e como este se funde com / os sinos fora. (...) (Trad. minha.)

5 Que autores homens a repreendam por essa recusa, mesmo enquanto eles próprios criam personagens femininas que (como veremos) exibem perversamente uma autonomia "monstruosa", é uma das ironias da arte literária. De uma perspectiva feminina, no entanto, tal "inconstância" só pode ser encorajadora, pois - implicando duplicidade - sugere que as próprias mulheres têm o poder de se criarem como personagens, talvez até mesmo o poder de alcançarem a mulher presa do outro lado do espelho/texto e ajudá-la a sair. (Trad. do editor.)

O sociólogo Michel Maffessoli busca compreender criticamente a dinâmica dos processos da assimilação das estruturas da exclusão em sua relação contraditória com o poder, enfatizando as figuras dos marginais centrais, ou os anômicos canônicos, ou seja, daqueles que atravessam o caminho dos *outsiders* até a afirmação social e o estatuto da regra: “Quando se olham, a longo prazo, as histórias humanas, quando se observa a lenta contaminação das ideias, percebe-se facilmente, contudo, que são os *outsiders* que sempre vencem” (Maffesoli, 2009, p.24). Um dos exemplos dessa estrutura assimilativa impressionante no âmbito da arte sendo o poeta maldito, como Charles Baudelaire, o outro, o pintor visionário suicida como Vincent van Gogh - cujas flores faziam pensar nos “pássaros dementes” (Mirbeau, 2004, p.153) -, a figura da demente do sótão surge como inscrita nessa possível dinâmica da assimilação da e pela ordem simbólica e ideológica.

Muitos textos recentes parecem, com efeito, colocar em questão a assimilação do sótão pelas estruturas mundanas ou políticas. Na interpretação pós-modernista, a relação imaginária desse espaço com a figura paterna e seus complexos desdobramentos existenciais não deixa de ser instigante até os dias de hoje, mais de um século depois da Era Vitoriana, que acentuou as contradições entre as esferas da vida humana, sublinhando a separação da vida privada:

Este último, com efeito, propõe um nome metafórico para ela, o Nome-do-Pai (*Nom-du-Père*), um termo que comporta um a-mais de sentido, na medida em que se refere tanto ao ato de nomear (presente no francês *nom*) como à proibição do incesto, ao “não” (ao *non*) que é dito a este. (Vincentini de Azevedo, 2001, p.15)

Diferentemente da psicanálise lacaniana, no gótico, que enfatiza a impermeabilidade do segredo do anagrama, a figura paterna não remete principalmente à linguagem e seus diversos jogos e desvios. O regime metonímico da convenção gótica valoriza, com efeito, os espaços - como o sótão -, assim como os objetos, por exemplo, a boneca voodoo, que é um reverso da subjetividade daquele que a confecciona: “*Envers* também contém alguns aspectos qualitativos desse re-torno. Como substantivo, ele refere-se a um aspecto não comumente visto, ou seja, o dentro ou avesso (...)” (Vincentini de Azevedo, 2001, p.46).

A alteridade encontrada no espaço do sótão pode suscitar as emoções e as reações complexas, chegando por vezes a atingir os limites culturais e religiosos, ou seja, os diversos aspectos da esfera espiritual da existência humana:

A presença do outro suscita não apenas maravilha, mas também *agonia*, na medida em que sua presença nos desconcerta e nos desvia do caminho seguro até então trilhado. É a outra face da dinâmica da alteridade, que nos faz viver a experiência do limite e da fronteira. (Teixeira, 2010, p.47)

No contexto pós-modernista, é na interlocução desconstrutivista entre Jacques Derrida e Hélène Cixous que podem ser encontrados alguns elementos importantes da confirmação da relação entre a experiência da alteridade e o segredo. Pois é nesse diálogo que a insistência – manifesta no texto na repetição de um vocábulo –, sublinha o jogo com a escrita de Cixous como uma *in-sister*. A alteridade remete destarte a um reverso do segredo, que Derrida explica como um anagrama da palavra francesa *certes* (*secret*), um hiato subjetivo entre a certeza intelectual e espiritual, por um lado, e o não-dito relegado ao irrepresentável, por outro. É nessa relação da escritura com o segredo, o indizível e suas garantias secretas – objetos preservados no espaço do sótão –, que também encontramos a evocação de um reverso, ou seja, uma transgressão espiritual, um paradoxo de se dizer, ainda que em voz baixa, aquilo que, por definição, não deveria jamais ser dito, o segredo:

Certes est le Secret, la transformation anagrammatique de Secret. Certes est le trope ou le lieu Secret de l'histoire que vous ne connaîtrez jamais. (...) Chaque fois que j'ai dit "certes", peut-être l'avez-vous remarqué, et ce fut souvent, je murmurais en secret, *secret*, l'envers d'un secret bien gardé. (Derrida, 2003, p.56)<sup>6</sup>

As autoras feministas e engajadas do estudo sobre a demente do sótão e as tarefas da inscrição subjetiva feminina nas estruturas do poder patriarcal buscam compreender como os autores precursores masculinos fracassam em se constituir em exemplos para as mulheres escritoras, que não se reconhecem como uma parte da tradição artística ocidental. Surge, com efeito, o medo de que a escrita patriarcal pudesse subjugar, destruir ou isolar a subjetividade feminina da autora. De fato, vários "escritos" encontrados no

---

<sup>6</sup> Certamente é o Segredo, a transformação anagramática de Segredo. Certamente é o tropo ou o lugar Secreto da história que você nunca conhecerá. (...) Toda vez que eu dizia "certamente", talvez você notasse, e era frequente, que eu estava sussurrando em segredo, segredo, o inverso de um segredo bem guardado. (Trad. do editor.)

sótão possuem o caráter das atividades um tanto secretas, senão desvalorizadas no campo cultural e até mesmo vergonhosas, tanto do ponto de vista de sua forma, quanto de seu conteúdo: cartas, confissões, diversos cadernos ou anotações, livros infantis ou sentimentais.

As formas da socialização feminina são, nesse sentido, as questões importantes na consideração do espaço do sótão, que se revela como ambíguo no discurso da história social da cultura. Associado no estudo de Gaston Bachelard (2011) ao imaginário de um ninho e também das capacidades intelectuais, o sótão parece corresponder aos esforços subjetivos conscientes, opondo-se nesse sentido ao porão que corresponde ao inconsciente. Sua proximidade do telhado confirma as capacidades protetoras, a força mental e também as leituras e a solidão.

Assim, compreender os elementos da socialização se torna um dos desafios importantes da representação do espaço do sótão gótico – associado por Gilbert e Gubar à estória da Branca de Neve –, que não raramente aparece nos textos literários como um lugar de reclusão também. “A maioria dos gêneros literários ocidentais é, afinal, essencialmente masculina, elaborada pelos autores masculinos para contar as histórias masculinas sobre o mundo” (Gilbert e Gubar, 2000, p.67), o que coloca a mulher como o outro do texto, seu lugar sendo o de uma crise identitária sem fim, um estranho mergulho na falta de maturidade e de representação acabada. O feminino parece ser destarte o lugar da incompletude.

A figura da rainha má do conto dos irmãos Grimm é nesse contexto uma imagem devastadora voltada para as pulsões orais relacionadas à assimilação simbólica impiedosa dos elementos da alteridade do outro e, com isso, avessa a qualquer identificação positiva ou mesmo neutra (Bettelheim, 2010). Os anões evocam de acordo com o imaginário ocidental os elementos de um sistema solar e o ritmo incessante do trabalho. O texto do conto a descreve, de fato, como alguém que busca enganar por meio dos objetos atraentes tais como o laço, o pente e a maçã. Pois no discurso da rainha, esses objetos parecem apontar para as tentações da vida mundana, a maçã (o objeto eficaz contra a proteção da Branca de Neve na casa dos anões) evocando o lado melhor do objeto:

Por fim, ela pensou em um plano; pintou o rosto e se vestiu como uma velha mascate, para que ninguém a reconhecesse. Com esse

disfarce, a rainha atravessou as sete montanhas, até chegar à casa dos sete anões, então, bateu na porta e gritou: "Mercadorias finas para vender! mercadorias finas para vender!" Branca de Neve espiou pela janela e gritou: "Bom dia, boa mulher, o que você tem para vender?" - "Boas mercadorias, mercadorias finas", respondeu ela, "laços de todas as cores;" e ela ergueu um pedaço que era tecido de seda variegada. (Grimm, 1959, p.189)

Branca de Neve olhou para fora e disse: "Vá embora, não devo deixar ninguém entrar." - "Mas você não está proibida de olhar", disse a velha, pegando o pente envenenado e segurando-o. Agradou tanto à pobre criança que esta ficou tentada a abrir a porta; e quando a barganha foi feita, a velha disse: "Agora, pela primeira vez, seu cabelo deve ser devidamente penteado." (Grimm, 1959, p.190)

"Tudo bem", respondeu a mulher; "Posso facilmente me livrar de minhas maçãs em outro lugar. Pronto, vou lhe dar um." - "Não", respondeu Branca de Neve, "não me atrevo a tomar nada." - "Você tem medo de veneno?" disse a mulher, "olhe aqui, vou cortar a maçã em duas metades; você terá o lado vermelho, eu terei o branco. Pois a maçã foi feita com tanta astúcia, que todo o veneno estava na metade rosada. (Grimm, 1959, p.191)

Alguns teóricos compreendem o espaço do sótão como fazendo parte do estágio liminar do rito da passagem, ou seja, aquela condição intermediária na qual se manifestam os elementos anti-estruturais, tais como "estilização, estereótipos, repetição e fixidez" (Sánchez-Santos e Aguirre, 2021, p.75), o que enfatiza o caráter convencional do gótico. No estágio liminar, o tempo não é tempo e o espaço não é espaço, assinalando antes de mais nada a experiência da desorientação subjetiva, as formas habituais sofrendo uma estranha neutralização. "O espaço pode ser uma extensão aberta ao movimento ou uma extensão que freia o movimento" (Tischner, 2015, p.19), o sótão se revelando nesse sentido espiritual também como ambíguo, pois tanto faz desejar o mundo exterior quanto detém a subjetividade entre os objetos do passado.

Os leitores atentos comparam a protagonista gótica do livro de 1979 de Gilbert e Gubar a uma pseudodetetive do mundo patriarcal (Davison, 2009), o que não deixa de sublinhar sua relação com a estrutura do segredo sem explicação, ou com um segredo inexplicado porque muito bem guardado. Pois a demente do sótão relega a compreensão da articulação do poder patriarcal ao mundo ficcional, confirmando destarte também a verdade especificamente gótica. "*Ce que j'approcherai dans une tentative pour redéfinir le génie n'est pas sans rapport avec cette hétéronomie qui nous livre, dans la littérature, à ce qu'Hélène Cixous surnomme donc ici la 'Toute-puissance-autre'*" (Derrida,

2003, p.66-67)<sup>7</sup>. Derrida sublinha a importância dos dois hifens na expressão escrita da alteridade, pois uma tal duplicação permite evitar a divisão dicotômica na estrutura da relação entre o “eu” e o outro. Sempre sob o signo do segredo, a alteridade do outro não corresponde, de acordo com o filósofo francês, à experiência do sagrado, sendo mais próxima da incerteza dos limites da ficção. Desconfiando da genialidade à maneira gótica, Derrida busca assegurar o caráter secreto do outro.

A alteridade do sótão, tal como o feminino oprimido pela estrutura patriarcal e pela lei do discurso das instituições paternas, pode eventualmente escapar, e até mesmo “queimar a casa” (Williams, 1995, p.175), as propostas da convenção sendo, contudo, mais condizentes com os textos da desconstrução, que não visa à destruição do espaço do poder. Surge ainda a questão dos limites do campo cultural e as transgressões simbólicas que envolvem os compromissos com o mercado. De fato, o espaço simbólico da literatura encontra destarte também um de seus outros mais temidos, a saber, os produtos da indústria cultural, na qual o espaço do sótão configura uma esfera de mistério: “*Cover me / in starlit lace / while dreams fly at / the moon’s pale face*”<sup>8</sup> (Nikola-Wren, 2019, p.2). Amplamente assimilado pelas narrativas de mistério e pelos poemas adolescentes, o espaço do sótão adquire os aspectos sentimentais ou horríficos, não raramente, contudo, lançando mão dos anacronismos caros à época pós-moderna.

---

7 O que abordarei na tentativa de redefinir o gênio não é alheio a essa heteronomia que nos remete, na literatura, ao que Hélène Cixous chama aqui de “outro-todo-poderoso”. (Trad. do editor).

8 Cubra-me / com renda estrelada / enquanto voam os sonhos / rumo ao rosto pálido da lua. (Trad. do editor.)

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *Earth and the Reveries of Repose. An Essay on Images of Interiority*. Dallas: The Dallas Institute Publications, 2011.
- BEDFORD CLARK, William. *Blue Norther and Other Poems*. Huntsville: Texas Review Press, 2010.
- BETTELHEIM, Bruno. *The Uses of Enchantment. The Meaning and Importance of Fairy Tales*. Nova Iorque: Vintage Books, 2010.
- BRÜDER GRIMM. *Die Märchen*. Munique: Wilhelm Goldman, 1959.
- DAVISON, Carol Margaret. "Ghosts in the Attic. Gilbert and Gubar's *The Madwoman in the Attic* and the Female Gothic". In: FEDERICO, R. Annette (org.). *Gilbert & Gubar's The Madwoman in the Attic. After Thirty Years*. Columbia: University of Missouri Press, 2009, p.203-216.
- DERRIDA, Jacques. *Genèses, généalogies, genres et le génie. Les secrets de l'archive*. Paris: Galilée, 2003.
- GARDNER Stephen e WRIGHT, William (org.). *The Southern Poetry Anthology: South Carolina*. Huntsville: Texas Review Press, 2007.
- GILBERT, Sandra e GUBAR, Susan. *The Madwoman in the Attic. The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 2000.
- JANION, Maria. *Wampir. Biografia symboliczna*. Gdańsk: słowo/obraz terytoria, 2023.
- LYOTARD, Jean-François. *Peregrinações. Lei, Forma, Acontecimento*. Trad. M. Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *A República dos Bons Sentimentos*. Trad. A. Goldberg. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- MIRBEAU, Octave. "Vincent van Gogh". In: LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.). *A pintura 1. O mito da pintura*. Trad. M. Costa. São Paulo: Editora 34, 2004, p.147-159.
- MORRISON, Toni. *Sula*. Trad. D. Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- NIKOLA-WREN, Morgan. *Poems from the Attic*. S/l: Luminarium, 2019.
- RICE, Anne. *The Witching Hour*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1993.
- SÁNCHEZ-SANTOS, Beatriz e AGUIRRE, Manuel. "The Grammar of a Genre". In: BLOOM, Clive (org.). *The Palgrave Handbook of Gothic Origins*. Londres: Palgrave Macmillan, 2021, p.73-94.
- TAYLOR, Eleanor Ross. *Late Leisure*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1999.
- TEIXEIRA, Faustino. "A dimensão espiritual do diálogo inter-religioso". In: *Tempo Brasileiro* 183, 2010, p.45-56.

- TISCHNER, Józef. "Chochół sarmackiej melancholii". In: KOZIEN, Monika et al. (org.). *Hawaikum. W poszukiwaniu istoty piękna*. Cracovia: Wydawnictwo ASP, 2015, p.13-25.
- VICENTINI DE AZEVEDO, Ana. *A metáfora paterna na psicanálise e na literatura*. Brasília: EUnb, 2001.
- WILLIAMS, Anne. *Art of Darkness. A Poetics of Gothic*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

# The attic space as a place of otherness: A reflection on the articulation of Gothic elements in postmodern times

---

## ABSTRACT

In this article, I seek to understand the scope and meaning of the imaginary space of the attic in its relationship with the issues of alterity in its cultural aspects. I am referring to the works of Sandra Gilbert, Susan Gubar, Edward Said, as well as the authors of deconstruction. Associated with exclusion, but also with a reverse of mundane life, the attic allows an elaboration of the elements of the subject's appearance and history, coming into contact with the Lacanian theory of the mirror stage. Critical of Western values, the Gothic attic is closer to immobility, inefficiency and secrecy. On the other hand, this space is clothed with characteristics of a stasis, an inner dynamism and a life of its own. Emphasizing the importance of secrecy and limits in human life, as well as the specifically fictional character of Gothic truth, the attic space confirms its relationship with the experience of otherness. More recently, the attic space points to the assimilative power of the cultural industry.

### KEYWORDS:

Gothic convention  
Postmodernism  
Otherness  
Limits  
Secret

---

**SUBMETIDO:** 20 de novembro de 2024 | **ACEITO:** 20 de fevereiro de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de outubro de 2025  
© fólio - revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

---